

Adversários da campanha viram aliados de Collor

A base de sustentação parlamentar do governo passado, repelida em toda a campanha presidencial pelo candidato Fernando Collor, constitui agora o principal suporte político do Presidente, podendo em breve incorporar até seu antecessor José Sarney, hoje senador pelo PMDB do Amapá. Na luta por se eleger, Collor rechaçou o apoio de políticos conservadores, criticou duramente a articulação que setores do PFL fizeram para lançar a candidatura Sílvio Santos, disse que jamais nomearia um ex-ministro para seu governo e lançou contra Sarney os mais duros ataques.

No poder, discretamente, o presidente da República vem tratando pragmaticamente os adversários de ontem: fechou com políticos egressos da Arena o apoio do PFL para seu governo, deu sinal verde para a Caixa Econômica Federal (CEF) liberar um empréstimo de 2,5 bilhões de cruzeiros para o empresário Sílvio Santos, colocou o ministro da Educação do governo Médici e senador Jarbas

Passarinho (PDS-PA) como ministro da Justiça e já se reconciliou com Sarney.

MODERNIDADE

“Isso tudo se coaduna com a queda do muro de Berlim. A solução dos problemas do País está no entendimento que elimine o maniqueísmo direita versus esquerda. É por aí que passa a modernidade”, diz o senador Marco Maciel (PFL-PE), justificando essa política de recomposição com adversários conduzida pelo Presidente.

De acordo com Maciel — um dos nomes mais citados para ser o líder do Governo no Senado —, depois das mudanças no Leste Europeu, tornou-se anacronismo dividir os políticos em adversários ou aliados do Governo. Para o senador Divaldo Suruagy (PFL-AL), que já foi aliado de Collor e hoje é um dos seus mais duros opositores, o Presidente está apenas revelando uma de suas características mais marcantes: “Ele sempre rompe com os aliados para compor-se com os adversários”.

CORREIO BRAZILEIRO

1661 20 JAN 1991